

Se esta rua falasse

---

# James Baldwin

## Se esta rua falasse

Tradução de José Mário Silva

ALFAGUARA  


*a YORAN*



*Mary, Mary,  
que nome darás  
a esse bebé lindo?*



1

Preocupada com a minha alma



Olho-me ao espelho. Sei que fui baptizada de Clementine, por isso faria sentido que me chamassem Clem, ou até, se pensarmos bem, Clementine, uma vez que é esse o meu nome: mas não. Toda a gente me chama Tish. Acho que também faz sentido. Estou cansada, e começo a pensar que talvez tudo o que acontece faz sentido. Porque, se não fizesse sentido, como é que poderia acontecer? Mas este é, de facto, um pensamento terrível. O tipo de pensamento que só surge quando algo nos preocupa — uma preocupação que não faz sentido.

Hoje fui visitar o Fonny. Também não é o seu nome. Baptizaram-no de Alonzo: poderia fazer sentido que as pessoas o tratassem por Lonny. Mas não, para nós foi sempre Fonny. Alonzo Hunt, é como se chama. Conheci-o toda a minha vida, e espero conhecê-lo para sempre. Mas só lhe chamo Alonzo quando tenho de me chatear a sério.

Hoje eu disse: «Alonzo?», e ele olhou para mim, com aquele olhar repentino que me lança quando uso o seu nome verdadeiro.

Ele está preso. Por isso, durante a visita sentei-me num banco, de um lado, e ele sentou-se num banco, do outro lado. E estávamos frente a frente, separados por uma parede de vidro. Não se ouve nada através do vidro, por isso cada um de nós tem um pequeno telefone. É preciso usá-lo para falar. As pessoas olham sempre para baixo quando usam o telefone, não sei porquê, mas é assim. É preciso que nos lembremos de olhar para a pessoa com quem falamos.

Agora nunca me esqueço, porque ele está na prisão e eu adoro os olhos dele e de cada vez que o vejo tenho medo de que seja a última vez. Por isso, pego logo no telefone assim que chego e não o largo e continuo a olhar directamente para ele.

Então, quando eu disse: «Alonzo?», ele olhou para baixo e depois levantou os olhos e sorriu e pegou no telefone e esperou.

Gostava que ninguém tivesse de olhar através de um vidro para alguém que ama.

E não lhe disse como pretendia dizer. Queria dizê-lo de um momento para o outro, como quem não quer a coisa, para que ele não se zangasse demasiado, para que percebesse que eu o dizia sem qualquer espécie de acusação.

É que eu o conheço. É muito orgulhoso, preocupa-se muito e, seirmos bem, eu sei — mas ele não — que esse é o principal motivo por que está preso. Já tem muito com que se preocupar, não quero que se preocupe comigo. Na verdade, eu não queria dizer o que tinha de lhe dizer. Mas sabia que tinha de lhe dizer. Ele precisava de saber.

E também pensei que, ao parar de se preocupar tanto, quando estivesse deitado à noite, sozinho, na parte mais funda de si, talvez, ao pensar no que lhe ia contar, ele ficasse contente. E que isso o pudesse ajudar.

Disse:

— Alonzo, vamos ter um bebé.

Olhei para ele. Sei que sorri. A cara dele era como se mergulhasse na água. Não podia tocar-lhe. Queria tanto tocar-lhe. Sorri outra vez e as minhas mãos humedeceram o telefone, e então por um momento deixei de o ver e abanei a cabeça e a minha cara estava molhada e prossegui:

— Estou feliz. Estou feliz. Não te preocupes. Estou feliz.

Mas ele estava distante agora, fechado em si. Esperei que voltasse. Podia ler-lhe no rosto a pergunta: o bebé

é *meu*? Sabia que ele ia pensar isso. Não que ele duvidasse de *mim*: mas um homem pensa sempre isso. E, durante aqueles poucos segundos em que estive longe, sozinho consigo mesmo, afastado de mim, o bebé foi a única coisa verdadeira no mundo, mais real do que a prisão, mais real do que eu.

Já devia ter dito que não somos casados. Isto tem mais significado para ele que para mim, mas compreendo como se sente. Íamos casar, mas depois ele foi preso.

O Fonny tem vinte e dois anos. Eu, dezanove.

Ele fez a pergunta ridícula:

— Tens a certeza?

— Não. Não tenho a certeza. Só estou a tentar dar-te cabo da cabeça.

Então ele sorriu. Sorriu porque, nesse momento, soube.

— Que vamos fazer? — perguntou-me, como se fosse um menino pequeno.

— Bem, não o vamos afogar. Por isso, acho que vamos ter de o criar.

O Fonny inclinou-se para trás e começou a rir, a rir até as lágrimas começarem a descer pelas faces. Nesse momento, senti que a primeira parte, aquela de que eu tinha tanto receio, ia correr bem.

— Contaste ao Frank? — perguntou-me.

O Frank é o pai dele.

Respondi:

— Ainda não.

— Contaste aos teus pais?

— Ainda não. Mas não te preocupes com eles. Eu só queria que fosses o primeiro a saber.

— Bom. Acho que faz sentido. Um bebé.

Olhou para mim, depois olhou para baixo.

— Como é que vais fazer, a sério?

— Vou fazer como tenho feito. Vou trabalhar quase até ao fim do último mês. E então, a mamã e a mana

tratarão de mim, não precisas de te preocupar. E de qualquer modo vais estar fora daqui antes disso.

— Tens a certeza? — perguntou, com o seu sorrisinho.

— Claro que tenho a certeza. Tenho sempre a certeza disso.

Sabia o que ele estava a pensar, mas não me posso permitir pensamentos desses — não agora, à sua frente. *Preciso* de ter a certeza.

O guarda apareceu por trás do Fonny, e era altura de acabar a visita. O Fonny sorriu e ergueu o punho, como sempre, eu ergui o meu, e ele levantou-se. Fico sempre meio surpreendida, quando o vejo aqui, por ser tão alto. Claro que perdeu peso e isso pode fazê-lo parecer mais alto.

O Fonny virou-se e saiu pela porta e a porta fechou-se atrás dele.

Senti uma tontura. Mal tinha comido durante o dia, e agora fazia-se tarde.

Saí da sala e percorri aqueles corredores compridos e largos que passei a odiar, corredores mais largos do que o deserto do Sara. O Sara nunca está vazio; estes corredores nunca estão vazios. Se atravessares o Sara e cáíres, os abutres voarão em círculos à tua volta, a cheirar, a sentir a tua morte. Voarão cada vez mais baixo: à espera. Eles sabem. Eles sabem o momento exacto em que a carne está pronta, em que o espírito já não consegue resistir. Os pobres estão sempre a atravessar o Sara. E os advogados e os fiadores e outros como eles andam aos círculos à volta dos pobres, exactamente como abutres. Claro que não são verdadeiramente mais ricos do que os pobres, foi por isso que se converteram em abutres, necrófagos, indecentes homens do lixo, e falo também dos tipos negros, que são em muitos sentidos ainda piores. Acho que eu, pessoalmente, teria vergonha. Mas já tive de pensar no assunto e agora não tenho tanta certeza. Não sei do que não seria capaz para tirar o Fonny da prisão. Aqui nunca deparei com qualquer

tipo de vergonha, excepto a minha própria vergonha, excepto a vergonha das senhoras negras que se matam a trabalhar e me chamam filha, e a vergonha das orgulhosas porto-riquenhas, que não compreendem o que aconteceu — ninguém lhes fala em espanhol, por exemplo — e sentem vergonha de ter entes queridos na prisão. Mas não deviam ter vergonha. As pessoas responsáveis por estas prisões é que deviam ter vergonha.

E eu não tenho vergonha do Fonny. Se sinto alguma coisa, é orgulho. Ele é um homem. Pela maneira como aguentou esta porcaria toda, percebe-se que é um homem. Admito que às vezes tenho medo — porque ninguém aguenta para sempre a porcaria que nos atiram para cima. Mas, depois, é preciso manter a cabeça limpa o suficiente para ir vivendo, um dia depois do outro. Se pensarmos muito para a frente, se *tentarmos* sequer pensar muito para a frente, nunca conseguiremos.

Às vezes vou de metro para casa, outras vou de autocarro. Hoje fui de autocarro, porque demora um pouco mais e eu tinha muito em que pensar.

Ter um problema pode provocar um efeito curioso na nossa mente. Não sei se me consigo explicar. Os dias passam e parece que ouvimos as pessoas e parece que falamos com elas e parece que estamos a fazer o nosso trabalho ou, pelo menos, o nosso trabalho aparece feito; mas não vimos nem ouvimos ninguém e, se alguém nos perguntar o que fizemos naquele dia, teremos de pensar um bom bocado antes de conseguirmos responder. Mas, ao mesmo tempo, e ainda no mesmíssimo dia — e isto é que é difícil de explicar — vemos as pessoas como nunca as vimos antes. Brilham tanto como uma lâmina. Talvez seja porque as vemos de forma diferente do que as víamos antes de os nossos problemas começarem. Talvez aconteça pensarmos mais nelas, mas de um modo diferente, e isto faça que nos pareçam muito estranhas. Talvez nos tornemos assustadiços

e entorpecidos, porque já não sabemos se ainda é possível confiarmos nas pessoas, seja para o que for.

Ainda que as pessoas quisessem fazer alguma coisa, o que poderiam elas fazer? Não posso dizer a ninguém neste autocarro: Olhe, o Fonny está metido em sarilhos, foi preso — já imaginaram o que me diria qualquer passageiro deste autocarro se soubesse, ouvido da minha boca, que amo alguém que está preso? —, e eu sei que ele nunca cometeu um crime e que é uma excelente pessoa, por favor, ajude-me a tirá-lo dali para fora. Já imaginaram o que diria qualquer passageiro deste autocarro? O que diriam *vocês*? Não posso dizer: Vou ter este bebé e também estou assustada, e não quero que aconteça alguma coisa ao pai do meu bebé, não o deixem morrer na prisão, por favor, oh, por favor! Não se pode dizer uma coisa destas. Ou seja, não se pode dizer nada. Ter um problema significa ficar sozinho. Sentamo-nos e olhamos pela janela, a pensar se ficaremos o resto da vida a ir e a vir neste autocarro. E, se for esse o caso, o que acontecerá ao bebé? O que acontecerá ao Fonny?

Se alguma vez gostámos da cidade, agora já não gostamos. Se escapar desta, se escaparmos desta, juro que nunca mais ponho os pés na Baixa de Nova Iorque.

Talvez tenha um dia gostado de cá vir, há muito tempo, quando o papá costumava trazer-me, e à mana, e ficávamos a olhar para as pessoas e para os prédios e o papá nos indicava diferentes perspectivas e podíamos parar no parque Battery, a comer gelados e cachorros-quentes. Esses eram dias maravilhosos e estávamos sempre muito felizes — mas isso era por causa do nosso pai, não da cidade. Era porque sabíamos que o nosso pai nos amava. Agora posso dizer, porque o sei bem, que a cidade não nos amava. Olhavam para nós como se fôssemos zebras — e, sabem como é, umas pessoas gostam de zebras e outras pessoas não. Mas nunca ninguém pergunta à zebra.

É verdade que não vi grande coisa de outras cidades, só Filadélfia e Albany, mas juro que Nova Iorque deve ser a mais feia e a mais suja cidade do mundo. Deve ter os edifícios mais feios e as pessoas mais desagradáveis. E os piores polícias. Se algum sítio for pior, terá de ficar tão perto do inferno que sentimos o cheiro de pessoas a fritar. E, agora que penso nisso, é esse exactamente o cheiro de Nova Iorque no Verão.

Conheci o Fonny nas ruas desta cidade. Eu era pequena, ele nem por isso. Eu teria uns seis anos — por aí — e ele andaria pelos nove. Viviam do outro lado da rua, ele e a família, a mãe e duas irmãs mais velhas e o pai, que tinha uma alfaiataria. Ao olhar para trás, pergunto-me *quem* é que recorreria àquela loja: não conhecíamos ninguém com dinheiro suficiente para levar a roupa ao alfaiate — bom, talvez isso acontecesse muito de vez em quando. Mas não penso que *nós* conseguíssemos manter o seu negócio. Claro que, como já me explicaram, as pessoas, as pessoas de cor, não eram tão pobres nessa altura como quando a mamã e o papá andavam a tentar juntar-se. E eles não eram tão pobres, nessa altura, como tínhamos sido no Sul. Mas éramos ainda assim bastante pobres, e ainda somos.

Nunca dei pelo Fonny até ao dia em que andámos à bulha, depois das aulas. Na verdade, esta luta não tinha nada que ver connosco. Havia uma amiga minha, chamada Geneva, uma rapariga desbocada que falava alto e usava tranças muito justas à cabeça, além de ter grandes joelhos acinzentados, pernas compridas e pés enormes; andava sempre metida em alguma. Como eu nunca andava metida em nada, ela era naturalmente a minha melhor amiga. Eu era magrinha e assustadiça, e por isso seguia-a e acabava

a envolver-me nas confusões *dela*. Mais ninguém me queria, mesmo, e *sabemos* que mais ninguém a queria a ela. Bem, a Geneva disse que não suportava o Fonny. De cada vez que olhava para ele, sentia nojo. Andava sempre a dizer-me o quanto ele era feio, com uma pele que parecia casca de batata crua e olhos de chinês e toda aquela carapinha, mais os lábios carnudos. E com pernas tão arqueadas que ficava com os tornozelos inchados; e com o rabo tão para fora que a mãe devia ser um gorila. Eu concordava com ela porque era obrigada a isso, mas não pensava mesmo que ele fosse assim tão mau. Eu até gostava dos seus olhos, e, para dizer a verdade, pensei que se na China as pessoas tivessem olhos assim, não me importaria de ir à China. Nunca vira um gorila, por isso o rabo dele parecia-me perfeitamente normal, e não era, a sério, se pensarmos bem, tão grande como o da Geneva; e só muito mais tarde me apercebi de que o Fonny tinha realmente as pernas um bocado tortas. Mas a Geneva estava sempre a provocá-lo. Não acho que ele sequer desse pela presença dela. Andava sempre demasiado ocupado com os amigos, que eram os mais duros das redondezas. Andavam pelas ruas a exhibir as roupas rasgadas, a sangrar, cheios de mazelas, e mesmo antes deste combate o Fonny até perdera um dente.

O Fonny tinha um amigo chamado Daniel, um rapaz negro muito grande, e o Daniel embirrava com a Geneva da mesma maneira que a Geneva embirrava com o Fonny. E não me lembro de como tudo começou, mas, às tantas, o Daniel atirou a Geneva ao chão, os dois rebolaram imenso tempo, e eu tentava afastar o Daniel de cima dela e o Fonny começou a puxar-me. Virei-me e bati-lhe com a única coisa a que consegui deitar a mão, tirada do caixote do lixo. Era só um pau; mas tinha um prego. O prego raspou na bochecha, arranhou a pele e o sangue começou a pingar. Fiquei tão assustada que nem queria acreditar no que estava a ver. O Fonny levou a mão à cara e depois olhou para mim